

Fatores associados ao conhecimento de universitários no sul do Brasil sobre infecções sexualmente transmissíveis

Factors associated with the knowledge of southern Brazil undergraduate students about sexually transmitted diseases

Factores asociados al conocimiento de universitarios del sur de Brasil sobre enfermedades de transmisión sexual

Conceição, Beatriz Diniz da;¹ Bechel, Isabela Crestani;² Biasi, Isabela Pretto;³ Maioli, Anna Laura Holler;⁴ Macedo, Juliana Lopes de;⁵ Mocellin, Lucas Pitrez da Silva⁶

RESUMO

Objetivo: compreender e mensurar os conhecimentos sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis e seus fatores associados entre estudantes de uma universidade federal. **Método:** realizou-se uma pesquisa transversal, quantitativa, de amostragem não aleatória. Os critérios de seleção foram ser estudante da universidade e possuir maioridade. Coletou-se os dados entre outubro e dezembro de 2020, através de um questionário *online*. Na análise de dados realizou-se as frequências absolutas e relativas das variáveis e verificou-se associações pelo teste qui-quadrado. **Resultados:** dos 284 estudantes universitários do sul do Brasil participantes, 40,1% obtiveram sete acertos, 38,4%, seis acertos e 21,5%, cinco acertos ou menos. Observou-se que alguns fatores influenciam no conhecimento no assunto: renda; sexo; área do curso de graduação; e conhecer alguém com Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Conclusão:** estudantes ainda carecem de conhecimentos no assunto, existindo necessidade de organizar políticas públicas dos serviços de saúde em direção a esse tema nas abordagens comportamental e biomédica. **Descritores:** Infecções sexualmente transmissíveis; Educação sexual; Estudantes

ABSTRACT

Objective: to understand and measure knowledge about sexually transmitted diseases and their associated factors among students at a federal university. **Method:** a cross-sectional, quantitative, non-random sampling survey was made. The selection criteria were being an undergraduate student in adulthood. Data were collected between October and December 2020, through an online questionnaire. In the data analysis, the absolute and relative frequencies of the variables were executed and associations were verified using the chi-square test. **Results:** of the 284 undergraduate students of southern Brazil, 40.1% had 7 points, 38.4% 6 points, and 21.5% 5 points or fewer. It was observed that some factors influence the knowledge on the subject: income; sex; undergraduate course area; and knowing someone with sexually transmitted diseases. **Conclusion:** students still lack

1 Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Uruguaiiana, Rio Grande do Sul (RS). Brasil (BR). E-mail: beatrizconceicao.aluno@unipampa.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9619-1478>

2 Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Uruguaiiana, Rio Grande do Sul (RS). Brasil (BR). E-mail: isabelabechel.aluno@unipampa.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9774-1619>

3 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, Rio Grande do Sul (RS). Brasil (BR). E-mail: isabelabiasi.aluno@unipampa.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0182-5947>

4 Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Uruguaiiana, Rio Grande do Sul (RS). Brasil (BR). E-mail: annamaioli.aluno@unipampa.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4874-7245>

5 Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS). Brasil (BR). E-mail: julianamacedo@ufcspa.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7080-048X>

6 Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Uruguaiiana, Rio Grande do Sul (RS). Brasil (BR). E-mail: lucasmocellin@unipampa.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1766-9857>

knowledge on the subject, showing a need to organize public policies in health services toward this topic in behavioral and biomedical approaches.

Descriptors: Sexually transmitted diseases; Sexual education; Students

RESUMEN

Objetivo: comprender y medir el conocimiento sobre enfermedades de transmisión sexual y sus factores asociados entre estudiantes de una universidad federal. **Método:** encuesta transversal, de muestreo no aleatorio. Los criterios de selección eran ser estudiante y ser mayor de edad. Los datos se recogieron entre octubre y diciembre de 2020 por cuestionario online. Los análisis se realizaron con las frecuencias absolutas y relativas de las variables con prueba del cuádruple. **Resultados:** de los 284 estudiantes del sur de Brasil participantes, 40,1% obtuvo 7 aciertos, 38,4% con 6 aciertos y 21,5% 5 aciertos o menos. Se observó que algunos factores influyen en el conocimiento del tema: renda, sexo, área de la graduación y contacto con alguien sobre enfermedades sexualmente transmisibles. **Conclusión:** los estudiantes aún carecen de conocimientos sobre el tema, habiendo la necesidad de organizar las políticas públicas de los servicios de salud en los enfoques comportamental y biomédico.

Descriptor: Enfermedades de transmisión sexual; Educación sexual; Estudiantes

INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) constituem uma problemática de escala mundial, sendo alvo, inclusive, de estratégias implementadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.¹ No Brasil, aproximadamente 1 milhão de pessoas apresentaram o diagnóstico de alguma ISTs em 2019² e, em 2020, houve 32.701 novos casos de HIV,³ o que demonstra a presença notável de tal epidemia no país. Em 2021, mundialmente, as ISTs foram responsáveis por mais de 2,3 milhões de mortes por ano, além de resultarem em mais de 1 milhão de pessoas infectadas todos os dias.⁴

Pesquisas indicam que a população universitária está entre as mais vulneráveis a contrair infecções sexualmente transmissíveis, devido ao contexto biopsicossociocultural em que se encontra.^{5,6} Além disso, dados epidemiológicos apontam que uma significativa parcela dos casos de ISTs se dá entre jovens. A exemplo, entre os anos de 2007 até junho de 2021, a maioria dos casos de infecção pelo HIV se deu entre a faixa etária de 20 a 34 anos, correspondendo a 52,9% do total de casos (201.968 casos).³

Ademais, dentre os diversos fatores que influenciam o aumento do número de casos, está a falta de conhecimento sobre sexo seguro, que reflete em práticas sexuais sem preservativo, por exemplo.⁷

Sabe-se que indivíduos com maior nível de escolaridade são mais favoráveis à educação sexual entre os jovens⁸ e que essa ainda é a principal ferramenta para a redução dos índices de ISTs - a saber, uma pesquisa americana, que analisou dados coletados pelo *Centers for Disease Control and Prevention (CDC)* em diversas escolas, concluiu que aqueles que obtiveram acesso à educação sexual estavam mais inclinados a ter utilizado preservativo na última relação sexual em comparação aos que não tiveram acesso a esse conhecimento.⁹

Em contrapartida, estudos também evidenciam que a educação em saúde no que se refere às ISTs entre universitários é deficitária. Ou seja, apesar de fazerem parte de um grupo que apresenta alto nível de escolaridade - estudantes de graduação - grande parte desse público não tem conhecimentos relacionados às formas de transmissão, de prevenção e de sintomatologia das infecções.^{5,6}

Nesse sentido, a presente pesquisa busca analisar e mensurar os conhecimentos sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis e seus fatores associados entre estudantes de uma universidade federal.

MATERIAIS E MÉTODO

Fez-se uma pesquisa de cunho quantitativo, com delineamento transversal, utilizando uma amostragem

não aleatória, entre estudantes da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), a partir do guia *The Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology* (STROBE) da rede *Enhancing the Quality and Transparency Of health Research* (EQUATOR). A coleta de dados foi realizada por meio de questionário *online* desenvolvido na plataforma Formulários Google, divulgado entre os meses de outubro e dezembro de 2020 para alunos da UNIPAMPA, que possui campi em 10 cidades do oeste do estado do Rio Grande do Sul. A escolha desse método decorreu-se não só das mudanças provocadas pela realidade de pandemia do Covid-19 - que, por conta da necessidade de isolamento social e suspensão de atividades acadêmicas, impossibilitou a aplicação presencial dos questionários - como também da atenuação do risco de constrangimento do participante e ampliação da abrangência da pesquisa.

Além disso, os critérios de elegibilidade dos participantes foram cursar um dos cinquenta e oito cursos de graduação ou pós-graduação da UNIPAMPA e ter idade igual ou superior a 18 anos. Para a seleção dos participantes, os estudantes foram convidados a fazer parte do estudo através de uma carta convite que foi enviada por *e-mail* com informações sobre os assuntos abordados e o *link* para preenchimento do questionário. Outrossim, a divulgação também foi mediada pelos pesquisadores, a partir das redes sociais - *Facebook, Instagram e WhatsApp* -, com o intuito de obter um retorno mais significativo, sempre atentando-se ao grupo alvo da pesquisa.

Foi elaborado um questionário estruturado para a coleta dos dados. O questionário, intitulado **“Escolhas na vida sexual, uso do preservativo e conhecimento sobre ISTs em universitários”**, contemplava questões sociodemográficas questões acerca do comportamento e escolhas da vida sexual, tais como idade da primeira relação sexual, uso da camisinha e outros métodos contraceptivos, fontes de informações sobre sexo e sexualidade (conversa com a família sobre o assunto e qualidade da educação sexual recebida, por exemplo) e

contato com pessoas que têm ou já tiveram ISTs.

O questionário também contemplava questões que tinham como objetivo avaliar o conhecimento dos universitários acerca das ISTs, por meio de perguntas no formato “Verdadeiro ou Falso” com informações sobre ISTs e proteção sexual. Eram um total de sete questões, e, a partir disso, as pontuações foram categorizadas em três tipos de escore: sete acertos, seis acertos e cinco ou menos acertos; sendo essa a variável de desfecho utilizada para análise. Por fim, levando em conta a importância da educação sexual no assunto, foi perguntado ao participante acerca da sua experiência com o tema.

Durante a estruturação e o compartilhamento do formulário, bem como na organização dos dados coletados, houve comprometimento com condutas éticas abordadas nas Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIPAMPA, sendo, assim, aprovado e protocolado pelo número 38143520.1.0000.5323. Além disso, todos os participantes concordaram com a participação na pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O cálculo amostral feito anteriormente à realização da pesquisa considerou que a população de estudantes da UNIPAMPA é composta por 13.009 estudantes¹⁰ e foi definido a partir de uma margem de erro de 5% e grau de confiança de 95%. A partir desse, o número mínimo de participantes deveria ser de 242. A análise dos dados foi desenvolvida no *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 22.0. Foram realizadas as frequências absoluta e relativa de cada variável e, também, verificou-se a associação entre os potenciais fatores que influenciam os conhecimentos dos participantes sobre as ISTs e a variável de desfecho escore de conhecimentos em ISTs por meio do teste Qui-quadrado. Em todas as análises, o nível de significância estatística (alfa) a ser considerado foi de 0,05.

RESULTADOS

O número total de respondentes foi de 290 estudantes, porém 284 desses foram incluídos na análise, visto que seis questionários apresentaram respostas incongruentes, sendo desconsiderados. A maior parte dos participantes possuía entre 20 e 21 anos (27,1%) e tinham renda individual de até R\$1.000,00 (38,4%) (Tabela 1). Em relação à área do curso, observa-se que a maioria dos participantes

se concentram em cursos da área da saúde (34,9%) e engenharias (26,1%). Observa-se, ainda que 70,4% dos participantes eram mulheres cisgênero e 75,4% a se declararam heterossexuais e sem filhos (90,1%). Acerca dos dados relativos ao contexto afetivo-sexual dos participantes do estudo, 39,8% e 38% dos respondentes indicaram que a sua faixa etária na primeira relação sexual foi entre 14 e 16 anos e entre 17 e 19 anos, respectivamente (Tabela 2).

Tabela 1: Caracterização dos dados sociodemográficos referente à população universitária pesquisada na UNIPAMPA, 2020 (n=284)

Variáveis	N	%
Faixa etária		
18 e 19	30	10,6
20 e 21	77	27,1
22 e 23	73	25,7
24 e 25	30	10,6
26 a 30	38	13,4
30 ou mais	36	12,7
Renda individual		
Até R\$ 1.000,00	109	38,4
Entre 1.001,00 a R\$ 2.000,00	86	30,3
Entre 2.001,00 a R\$ 4.000,00	57	20,1
Mais de R\$ 4.000,00	32	11,3
Filhos		
Nenhum	256	90,1
1 filho	16	5,6
2 filhos	7	2,5
3 filhos	3	1,1
Mais de 3	2	0,7
Identidade de gênero		
Mulher cis	200	70,4
Mulher trans	0	0,0
Homem cis	83	29,2
Homem trans	1	0,4
Orientação sexual		
Heterossexual	214	75,4
Homossexual	16	5,6
Bissexual	46	16,2
Outro	8	2,8
Campus fronteiro X não fronteiro		
Campus fronteiro	208	73,2%
Campus não fronteiro	76	26,8%
Área do curso		
Ciências Agrárias	29	10,2
Ciências da Saúde	99	34,9
Ciências Exatas e da Terra	41	14,4
Ciências Humanas/Sociais Aplicadas	30	10,6
Engenharias	74	26,1
Letras/Artes	11	3,9

Fonte: elaborado pelos autores, 2020.

Tabela 2: Caracterização do contexto afetivo-sexual dos universitários de UNIPAMPA, 2020

Variáveis	N	%
Faixa etária na 1ª relação sexual (n=284)		
Nunca fiz sexo	21	7,4
Menos de 14 anos	15	5,3
Entre 14 e 16 anos	113	39,8
Entre 17 e 19 anos	108	38,0
20 anos ou mais	27	9,5
Parceiro da 1ª relação sexual (n=263)		
Seu(sua) namorado(a)	141	53,6
Seu(sua) ficante	76	28,9
Seu(sua) amigo(a)	25	9,5
Um(a) desconhecido(a)	19	7,2
Marido ou esposa	2	0,8
Uso de camisinha na 1ª relação sexual (n=263)		
Sim	199	75,7
Não	64	24,3
Uso de outro método contraceptivo na 1ª relação sexual (n=263)		
Sim	93	35,4
Não	170	64,6
Tem parceiro sexual fixo (n=263)		
Sim	160	60,8
Não	103	39,2
Qual é parceiro da última relação (n=263)		
Namorado(a)	129	49,0
Ficante	62	23,6
Marido ou esposa	30	11,4
Parceiro(a) casual	27	10,3
Outros (as)	15	5,7
Uso da camisinha na última relação (n=263)		
Sim	143	54,4
Não	120	45,6
Outro método na última relação (n=185)*		
Anticoncepcional oral	100	38,0
Pílula do dia seguinte	1	0,4
Outro	14	5,3
Nenhum	55	20,9
Outro (com pílula do dia seguinte)	15	5,7
Usa camisinha em todas as relações (n=261)*		
Sim	130	49,4
Não	131	50,2
Se conhece alguém que tem ou já teve alguma IST (n=262)*		
Sim	145	55,1
Não	117	44,5

*alguns participantes não responderam ao questionamento ou não sabiam responder

Fonte: elaborado pelos autores, 2020.

Além disso, 7,4% dos participantes indicaram que nunca tiveram experiência sexual. Para a maior parte dos participantes (53,6%), o parceiro da primeira relação sexual foi o namorado(a), sendo que 75,7% dos participantes

informaram que fizeram uso de preservativo durante a primeira relação sexual e 64,6% não utilizaram nenhum outro método contraceptivo.

Em relação às atividades sexuais no momento de realização da pesquisa, 60,8% dos participantes informaram que possuíam parceiro fixo e 49% indicaram que a última relação sexual ocorreu com seu(a) namorado(a). Quanto ao uso de preservativo em todas as relações, 50,2% dos participantes informaram não utilizar. Ademais, 55,1% dos participantes

indicaram que conhecem alguém que tem ou já teve alguma IST.

No que tange a participação da família e da escola na educação sexual, 46,8% dos respondentes não conversam com a família sobre sexo e sexualidade e 53,2% não dialogam com a família sobre ISTs (Tabela 3).

Tabela 3: Relação da participação da família e da escola na educação sexual em pesquisados na UNIPAMPA, 2020

Variáveis	N	%
Conversa com família sobre sexo e sexualidade (n=284)		
Sim	96	33,8
Não	133	46,8
Apenas quando mais jovem	54	19,0
Não respondeu ao questionamento	1	0,4
Conversa com família sobre ISTs (n=284)		
Sim	92	32,4
Não	151	53,2
Apenas quando mais jovem	41	14,4
Quem da família conversa sobre sexo e sexualidade (n=398)*		
Figura feminina	149	37,4
Figura masculina	13	3,3
Ambas as figuras	59	14,8
Irmã ou irmão	67	16,8
Outro	54	13,6
Ninguém	56	14,0
Família falava por quê? (n=569)*		
Que tivesse uma vida sexual satisfatória	30	10,6
Evitar gravidez indesejada	201	70,8
Evitar que contraísse IST	152	53,5
Que fizesse boas escolhas em relação a parceiros(as)	101	35,6
Controlar exercício da sexualidade	31	10,9
Minha família não conversa sobre sexualidade	54	19,0
Como avalia a educação sexual que recebeu na escola (n=284)		
Muito bom	30	10,6
Bom	57	20,1
Regular	73	25,7
Ruim	47	16,5
Muito ruim	39	13,7
Não teve	38	13,4
Acha que educação sexual da escola teve relevância no conhecimento sobre ISTs e suas consequências (n=284)		
Sim	186	65,5
Não	54	19,0
Não discutiram sobre educação sexual na escola	44	15,5

*As variáveis admitiram mais de uma resposta.

Fonte: elaborado pelos autores, 2020.

A figura feminina foi indicada como a pessoa da família com quem mais se conversa sobre sexo e sexualidade (37,4%), e o motivo mais citado para essas conversas foi evitar a gravidez indesejada (70,8%). Em relação à avaliação do participante sobre a educação sexual que recebeu na escola, foi predominante a resposta “regular”, com 25,7%. Ademais, dentre aqueles que tiveram educação sexual na escola, a maioria - 77,5% - acredita que ela teve relevância no conhecimento sobre ISTs e suas consequências.

Sobre os conhecimentos relacionados às ISTs, a afirmativa que teve menor taxa de acerto, com 58,5%, foi “Mesmo após fazer sexo sem camisinha com uma pessoa que possui HIV, é possível se prevenir de contrair o vírus” (Tabela 4). Obtiveram sete acertos (40,1%) dos respondentes, 38,4% acertaram seis afirmativas e cinco acertos ou menos englobou 21,5% dos indivíduos

Verificou-se a associação de fatores que potencialmente influenciam no conhecimento sobre ISTs na população da UNIPAMPA, através do cruzamento de diferentes dados com o desfecho do escore (Tabela 5). Nesse processo, não foram utilizados os dados referentes ao homem trans na verificação da associação entre sexo e a pontuação do indivíduo, visto que havia somente um respondente nesta categoria. Com isso, obteve-se significância nas variáveis: “Renda individual” (P=0,004), em que os indivíduos com maior renda, tiveram um maior percentual de acertos; “Sexo” (P=0,018), a partir da qual pôde-se perceber que as mulheres apresentaram maior conhecimento sobre o tema; “Área do curso” (P=0,002), no qual os estudantes da área da saúde obtiveram maior êxito na pontuação do questionário; e “Se conhece alguém que tem/já teve IST” (P=0,035), obtendo maior acerto aqueles indivíduos que conhecem alguém que tem/já teve IST em detrimento dos que não conhecem

Tabela 4: Conhecimento sobre ISTs e fatores associados em estudantes da UNIPAMPA, 2020 (n=284)

Variáveis	N	%
A camisinha é o único método contraceptivo que previne as ISTs	240	84,5
Todas as ISTs manifestam sintomas	259	91,2
Durante a primeira relação sexual não é possível engravidar nem contrair ISTs	276	97,2
Mesmo após fazer sexo sem camisinha com uma pessoa que possui HIV, é possível se prevenir de contrair o vírus	166	58,5
Sexo vaginal, anal e oral podem transmitir ISTs, assim como feridas e mucosas	283	99,6
Apenas as pessoas que fazem sexo com muitos parceiros(as), usuários de drogas injetáveis e homossexuais apresentam risco para contrair HIV e outras ISTs	267	94,0
A transmissão pode ser feita verticalmente, de mãe para filho(a), durante a gravidez e pela amamentação	243	85,6
Escore de acertos dos conhecimentos sobre ISTs		
7	114	40,1
6	109	38,4
5 ou menos	61	21,5

Fonte: elaborado pelos autores, 2020.

Tabela 5: Fatores associados ao desfecho conhecimentos sobre ISTs na população de universitários da UNIPAMPA, 2020

Variáveis	Pontuação da variável conhecimentos sobre ISTs						Valor P
	7 acertos		6 acertos		5 ou menos acertos		
	N	%	N	%	N	%	
Renda individual (n=284)							
Até R\$ 1.000,00	32	29,4	46	42,2	31	28,4	0,004***
Entre 1.001,00 a R\$ 2.000,00	39	45,3	31	36,0	16	18,6	
Entre 2.001,00 a R\$ 4.000,00	21	36,8	24	42,1	12	21,1	
Mais de R\$ 4.000,00	22	68,8	8	25,0	2	6,3	
Sexo (n=283)*							
Homem	25	30,1	32	38,6	26	31,3	0,018***
Mulher	88	44,0	77	38,5	35	17,5	
Área do curso (n=284)							
Ciências Agrárias; Ciências Exatas e da Terra; e Engenharias	46	31,9	59	41,0	39	27,1	0,002***
Ciências da Saúde	55	55,6	32	32,3	12	12,1	
Ciências Humanas/Sociais Aplicadas; e Letras/Artes	13	31,7	18	43,9	10	24,4	
Usa camisinha em todas as relações (n=261)**							
Sim	50	38,5	55	42,3	25	19,2	0,336
Não	51	38,9	46	35,1	34	26,0	
Se conhece alguém que tem/já teve IST (n=262)**							
Sim	67	46,2	51	35,2	27	18,6	0,035***
Não	36	30,8	50	42,7	31	26,5	
Conversa com família sobre sexo e sexualidade (n=283)**							
Sim	36	37,5	39	40,6	21	21,9	0,883
Não	58	43,6	48	36,1	27	20,3	
Apenas quando mais jovem	20	37,0	22	40,7	12	22,2	
Conversa com a família sobre IST (n=284)							
Sim	35	38,0	37	40,2	20	21,7	0,990
Não	62	41,1	57	37,7	32	21,2	
Apenas quando mais jovem	17	41,5	15	36,6	9	22,0	
Como avalia a educação sexual que recebeu na escola (n=284)							
Não tive	12	31,6	18	47,4	8	21,1	0,578
Muito ruim/ruim	35	40,7	30	34,9	21	24,4	
Intermediário	31	42,5	24	32,9	18	24,7	
Bom/ Muito bom	36	41,4	37	42,5	14	16,1	

*um participante declarou-se transexual / **foram excluídas da análise as respostas ignorado/não respondeu /

***valores estatisticamente significativos

Fonte: elaborado pelos autores, 2020.

DISCUSSÃO

Verificar o conhecimento acerca de ISTs em universitários tem permitido compreender melhor as vulnerabilidades que contribuem para essa população ser suscetível às ISTs.^{5,6} Neste artigo, apenas 40,1% dos participantes acertaram todas as questões de conhecimento sobre o tema

que compõem o escore, corroborando com evidências prévias que demonstram que esses estudantes ainda carecem de conhecimentos sobre ISTs, mesmo frequentando o ensino superior.^{5,12}

Alguns dados do escore merecem destaque, a exemplo, quase a totalidade dos entrevistados acertaram a afirmativa de que “Sexo vaginal, anal e oral podem

transmitir ISTs, assim como feridas e mucosas”. Entretanto, o percentual de acertos cai para as sentenças “A camisinha é o único método contraceptivo que previne as ISTs”, e “A transmissão pode ser feita verticalmente, de mãe para filho(a), durante a gravidez e pela amamentação”. A assertiva com menor taxa de acerto foi “Mesmo após fazer sexo sem camisinha com uma pessoa que possui HIV, é possível se prevenir de contrair o vírus”. Assim, isso demonstra a fragilidade do conhecimento sobre a transmissão de ISTs nesse recorte, especialmente no que se refere às estratégias de prevenção após a possível exposição às ISTs. Esse achado corrobora com outras pesquisas que indicam essa inconsistência, como em um estudo quantitativo com universitários da área da saúde dos Estados Unidos, no qual os estudantes acertaram só cerca de 49% das questões sobre segurança e prevenção relacionadas a educação sexual.^{11,12}

No que concerne às associações testadas, os indivíduos do sexo feminino, da área da saúde, com maior renda ou que já conheciam alguém que tem/já teve ISTs foram aqueles que obtiveram maior escore, sendo esses achados mais bem dissertados a seguir. Também, é possível identificar visualizar que as mulheres, de modo geral, possuem mais conhecimento do que os homens em relação à ISTs. É importante ressaltar que o gênero pode, ainda, influenciar na forma como cada indivíduo se relaciona com a sua saúde, uma vez que as mulheres tendem a ter maior autocuidado do que os homens.¹³ Isso é explicado pelos diferentes papéis socialmente atribuídos para cada gênero, nos quais a mulher possui a responsabilidade reprodutiva e ainda é vista como vulnerável, nesse caso o cuidado com a saúde é visto como algo necessário para permanência da sua integridade reprodutiva e importante devido ao seu estado de fragilidade. Os homens, em contrapartida, precisam demonstrar força e virilidade, e o cuidado em saúde demonstra uma fraqueza. Outra relação de gênero perceptível foi no contexto da conversa com a família sobre sexo e sexualidade, visto que a figura feminina foi indicada como a principal interlocutora dentro da estrutura familiar. Esse dado é condizente com estudos

anteriores que também comprovaram o maior protagonismo da mãe como responsável pela educação sexual dos filhos,¹⁴ o que revela como o homem e a mulher ainda desempenham papéis tradicionais desenhados pela sociedade. Em uma pesquisa realizada no Reino Unido ao respeito do engajamento dos pais na educação sexual dos filhos, observou-se que a mãe, na maioria das vezes, é a principal participante da educação sexual e a incumbida de lidar com a parte emocional e mais íntima da educação dos filhos.¹⁵

Já em relação ao conteúdo da conversa sobre sexo e sexualidade com a família, evitar a gravidez indesejada foi indicada como motivo principal pela maioria dos participantes. Ademais, a maior parte dos respondentes afirmaram não conversar com a família sobre os tópicos sexo e sexualidade e ISTs, demonstrando como nas grandes partes das vezes o único objetivo da família ao abordar a educação sexual é evitar a gravidez indesejada.¹⁶

Referente a comparação dos conhecimentos sobre ISTs entre os diferentes cursos, pode-se observar um maior conhecimento nos alunos da área da saúde do que os de outras áreas do conhecimento. Isso pode ser explicado pela maior familiaridade dos universitários desse nicho de graduação em relação ao assunto, porquanto ele é amplamente abordado dentro desses cursos, ao contrário de outras áreas do conhecimento. Então, mesmo estes se tratando de um grupo universitário que tem mais acesso à informação do que a população geral, eles ainda apresentam pouco conhecimento sobre o tópico. Esse achado é corroborado por outras pesquisas que identificaram que os alunos dentro desse segmento acertaram 10% a mais que de outros em avaliações semelhantes.⁵

Já sobre a renda do participante, é notável que a diferença de remuneração também impacta no escore de acertos do universitário, uma vez que a população que obteve a maior quantidade de acertos foi do grupo de indivíduos que ganham mais de R\$4.000,00. Conforme um estudo realizado em Uganda, a alta renda interfere em um menor risco de contrair

uma IST,¹⁷ o que pode estar relacionado tanto a questões sociais quanto ao fato de populações com maiores rendas terem o acesso à educação facilitado.

Nesse sentido, ao analisar a educação sexual dos pesquisados, a maioria deles indicou que esse aprendizado foi importante de alguma forma para o seu conhecimento sobre ISTs e suas consequências. Isso é evidenciado por estudos previamente conduzidos que apontam que a educação tem um grande impacto na redução de gravidez não planejada, no adiamento da primeira relação sexual e no aumento do índice de testagem para ISTs. Dessa forma, nota-se que quanto maior for o entendimento do indivíduo sobre o assunto, menor será o seu comportamento sexual de risco.^{11,18}

Em relação à associação com os universitários que conhecem alguém que tem ou já teve alguma IST, o presente estudo constatou que os participantes possuem mais conhecimento sobre as infecções, quando comparado àqueles que não possuem esse contato. A literatura ainda carece de dados que explorem a relação entre essas duas variáveis. Entretanto, cabe à presente discussão dar o devido destaque para esse achado, uma vez que ele exemplifica que a educação sexual está para além das escolas e da família. Conhecer alguém que já teve/tem ISTs demonstra a influência da experiência e da vivência do sujeito no conhecimento sobre essas infecções, e o que possivelmente irá refletir nas escolhas acerca de sua vida sexual. Assim, esse segmento ainda pode ser explorado não apenas como um futuro foco de pesquisas, mas também como uma estratégia de campanhas de educação em saúde que incentivem o diálogo daqueles que possuem a expertise empírica no assunto com seus conhecidos próximos, valorizando também essa forma de aprendizado.

Em referência à avaliação do escore de acertos dos acadêmicos nas assertivas, percebeu-se que o grupo pesquisado possui bom nível de conhecimentos sobre ISTs e suas formas de prevenção. Porém, um alto conhecimento não está necessariamente vinculado a práticas sexuais seguras, já que menos da metade desses utilizam a

camisinha em todas as suas relações sexuais. Um estudo transversal realizado com estudantes de medicina e enfermagem em uma instituição pública do Brasil também concluiu que, mesmo os estudantes tendo o acesso a produções científicas e a facilidade de aprender sobre a temática das ISTs, não há garantia de que o conhecimento será suficiente para romper a cadeia de transmissão do HIV/Aids, por exemplo;¹⁹ isso só pode ser atingido com medidas de prevenção efetivas.

Nesse mesmo sentido, o uso frequente da camisinha pode ser desmotivado ao decorrer das experiências sexuais e em meio a relacionamentos estáveis. Na primeira relação sexual, 75,7% dos pesquisados usaram camisinha, enquanto apenas 49,4% fazem o uso frequente atualmente. Isso pode ser influenciado pelo fato de mais da metade dos acadêmicos estarem em um relacionamento estável, já que outros autores também obtiveram esse achado. Um estudo transversal com universitários do Piauí conclui que estar em um relacionamento estável era preditor negativo das intenções de usar preservativos durante as relações sexuais.²⁰ Além disso, esses alunos referiram que o uso inconsistente de preservativos decorre da construção da confiança entre os casais.

Além disso, a assertiva “Mesmo após fazer sexo sem camisinha com uma pessoa que possui HIV, é possível se prevenir de contrair o vírus” teve uma taxa muito menor de acertos, o que transparece como o baixo conhecimento dos estudantes sobre os métodos de prevenção, principalmente a profilaxia pré-exposição (PrEP) e a profilaxia pós exposição (PEP). Isso é corroborado pelo estudo transversal¹⁷ já citado, em que o nível de conhecimento demonstrado pelos estudantes sobre o tema foi majoritariamente médio (49,4%), de modo que a expressiva maioria dos estudantes (94,6%) referiu adquirir esse conhecimento apenas na universidade. Essa carência de conhecimentos relativos às profilaxias pré e pós-exposição pode estar relacionada ao fato de que os serviços de saúde concentram suas estratégias na distribuição de preservativos e na

realização de aconselhamentos e palestras. Isso é corroborado por um estudo qualitativo, que investigou a relação entre vulnerabilidades e a PeP em serviços de saúde no sul do Brasil, e concluiu que a abordagem biomédica (PrEP, PEP e testes rápidos) tende a se limitar a situações individuais e não se revela como disponível para toda a população.²¹ Então, nota-se que esse é um segmento ainda que deve ser investigado mais amplamente em pesquisas futuras.

Em relação às limitações do estudo, pode-se citar que foi usada a amostragem de conveniência, ou seja, uma técnica não probabilística e não aleatória. Isso é evidente pelo uso da estratégia de envio de *e-mails* e de compartilhamento nas redes sociais como método de divulgação, o que aumenta a probabilidade de os respondentes terem sido escolhidos por sua proximidade. Porém é importante ser destacado que esses métodos foram necessários em razão da pandemia do COVID-19, a qual impossibilitou um contato diferente com os pesquisados. Além disso, pelos achados da pesquisa fica evidente que pessoas de baixa renda tiveram uma menor participação no questionário, já que o acesso deles a essa tecnologia é dificultado. No entanto, tal limitação é atenuada por essa pesquisa ter sido realizada com estudantes universitários, os quais têm sua particularidade em relação ao acesso à internet. Além disso, vê-se que a maioria dos respondentes é do gênero feminino, já que essa população é a que comumente responde aos questionários *online* quando comparada ao gênero masculino. Por fim, a capacidade de generalização desse estudo também é um limitador, já que esta é uma pesquisa delimitada a estudantes de uma universidade federal específica do Rio Grande do Sul, a qual possui aspectos particulares do seu corpo discente e do contexto regional onde se encontra.

CONCLUSÕES

O presente estudo permitiu identificar que estudantes ainda carecem de conhecimentos sobre ISTs, já que somente 40,1% dos respondentes acertaram todas as questões que compõem o escore. É possível visualizar

que certas vulnerabilidades influenciam no escore, sendo que indivíduos do sexo feminino, da área da saúde, com maior renda ou que já conheciam alguém que tem/já teve ISTs foram aqueles que mais pontuaram. Além disso, ficou ainda mais evidente a fragilidade sobre conhecimentos relacionados à profilaxia pós-exposição (PEP). Nesse sentido, vê-se a necessidade de organizar as políticas públicas em direção a esse tema, ou seja, além de utilizar a abordagem comportamental (distribuição de preservativos, por exemplo), deve-se investir em campanhas sobre a PEP. A educação em saúde também deve se expandir além da conversa sobre gravidez; muitas vezes, as estratégias têm o foco no planejamento familiar (evitar gravidez) e tem como público as mulheres, e isso pode impactar no fato das mulheres revelarem maior conhecimento e, no geral, haver poucos acertos referentes à PEP (ela refere-se à ISTs, não à gravidez). No futuro, estudos podem focar na investigação dos conhecimentos da população masculina e o seu papel na educação sexual dos filhos, com o intuito de entender essa relação e avaliar seu impacto nos comportamentos na vida sexual dos jovens.

REFERÊNCIAS

- 1 World Health Organization (WHO). Global health sector strategies on, respectively, HIV, viral hepatitis and sexually transmitted infections for the period 2022-2030. (Online). 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240053779>
- 2 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa nacional de saúde: 2019: acidentes, violências, doenças transmissíveis, atividade sexual, características do trabalho e apoio social: Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101800.pdf>
- 3 Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Boletim Epidemiológico - HIV/AIDS 2021. Brasília:

Ministério da Saúde; 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2021/boletim-epidemiologico-especial-hiv-aids-2021.pdf/view>

4 World Health Organization (WHO). Global progress report on HIV, viral hepatitis and sexually transmitted infections, 2021. (Online). Geneva: WHO; 2021. Available from: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240027077>

5 VRF da, Spindola T, Francisco MTR, Sodr  CP, Andr  NLN de O, Pinheiro CDP. Young university students and the knowledge about sexually transmitted infections. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm.* 2018;22(2):e20170318. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2017-0318>

6 Ramos RC de A, Spindola T, Oliveira CSR, Martins ERC, Lima G da SF, Araujo AS de B de. Practices for the Prevention of Sexually Transmitted Infections among University Students. *Texto & contexto enferm.* 2020;29:e20190006. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2019-0006>

7 Vieira KJ, Barbosa NG, Monteiro JC dos S, Dion zio L de A, Gomes-Sponholz FA. Adolescents' knowledge about contraceptive methods and sexually transmitted infections. *Rev. baiana enferm.* 2021;35:e39015. DOI: <https://doi.org/10.18471/rbe.v35.39015>

8 Paiva V, Aranha F, Bastos FI, Grupo de Estudos em Popula o S e A. Opinions and attitudes regarding sexuality: Brazilian national research, 2005. *Rev. sa de p blica* (Online). 2008;42(suppl). DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102008000800008>

9 Phillips G, McCuskey DJ, Felt D, Curry CW, Ruprecht MM, Wang X, et al. Association of HIV Education with HIV Testing and Sexual Risk Behaviors Among US Youth, 2009-2017: Disparities Between Sexual Minority and Sexual Majority Youth. *Prev Sci.* (Online). 2020;21(7):898-907. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11121-020-01153-z>

10 Barreto MET, Franco RM, Silva FF da. O que dizem as(os) discentes da Universidade Federal do Pampa acerca do aborto? *Educa o, Ci ncia e Cultura. La Salle: revista de educa o, ci ncia e cultura.* (Online). 2020;25(2). DOI: <https://doi.org/10.18316/recc.v25i2.6736>

11 Fu G, Shi Y, Yan Y, Li Y, Han J, Li G, et al. The prevalence of and factors associated with willingness to utilize HTC service among college students in China. *BMC public health* (Online). 2018;18(1). DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-018-5953-0>

12 Warner C, Carlson S, Crichlow R, Ross MW. Sexual health knowledge of U.S. medical students: a national survey. *The Journal of Sexual Medicine.* 2018;15(8):1093-102. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2018.05.019>

13 Costa-J nior FM, Couto MT, Maia ACB. G nero e cuidados em sa de: Concep es de profissionais que atuam no contexto ambulatorial e hospitalar. *Sex., salud soc.* (Rio J.). 2016;(23):97-117. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.23.04.a>

14 Odii A, Atama CS, Igwe I, Idemili-Aronu NJ, Onyeneho NG. Risky sexual behaviours among adolescent undergraduate students in Nigeria: does social context of early adolescence matter? *Pan African Medical Journal.* 2020;37:1-11. DOI: <https://doi.org/10.11604/pamj.2020.37.188.22968>

15 Aventin  , Gough A, McShane T, Gillespie K, O'Hare L, Young H, et al. Engaging parents in digital sexual and reproductive health education: Evidence from the JACK trial. *Reprod. health.* 2020;17(132). DOI: <https://doi.org/10.1186/s12978-020-00975-y>

16 Gon alves RC, Faleiro JH, Malafaia G. Educa o sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios sexual. *Holos.* 2013;29:251-63. DOI: <https://doi.org/10.15628/holos.2013.784>

17 Anguzu G, Flynn A, Musaazi J, Kasirye R, Atuhaire LK, Kiragga AN, et al. Relationship between socioeconomic

status and risk of sexually transmitted infections in Uganda: multilevel analysis of a nationally representative survey *Int. j. STD AIDS.* 2019;30(3):284-91. DOI: <https://doi.org/10.1177/0956462418804115>

18 Stokłosa I, Stokłosa M, Porwolik M, Bugajski M, Więckiewicz G, Piegza M, et al. Analysis of high-risk sexual behavior among polish university students *Int. j. environ. res. public health (Online).* 2021;18(7):3737. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph18073737>

19 Matos MCB, Araújo TME de, Queiroz AAFLN, Borges P de TM. Knowledge of health students about prophylaxis pre and post exposure to HIV. *Rev. gaúch. enferm.* 2021;42:e20190445. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20190445>

20 Silva TDA, Galeno NRF, Vieira CP de B, Carvalho PMG de, Araujo TME de. Comportamento sexual e ocorrência de sífilis em estudantes universitários da área da saúde. *Revista Enfermagem Contemporânea.* 2020;9(1):24-32. DOI: <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v9i1.2530>

21 Costa AHC, Gonçalves TR. “Os vulneráveis dos vulneráveis”: masculinidades e Profilaxia Pós-Exposição no serviço de saúde no Sul do Brasil. *Sex., salud soc. (Rio J.).* 2021;37:3-23. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21215a>

Recebido em: 31/08/2022

Aceito em: 05/01/2024

Publicado em: 29/01/2024